

O LEÃO E A CAÇADORA

O leão andava mal
— tinha desgosto de amor;
preferia andar calado
do que rugir com furor.

E era desgosto dos grandes,
dos que nunca têm cura,
dos que ficam com a gente
enquanto a vida nos dura.

Não comia, nem bebia,
só suspirava, sozinho;
nem parecia mais um rei
— era mas um leãozinho...

Os animais perguntavam,
ao esfregar o focinho:
— Que se passará com ele?
Porque chora, assim, baixinho?

— Não brinca mais pelo chão,
nem se espreguiça na erva;
nem se coça, nem se ri,
já nem ruge pela selva!

Mas ninguém sabia ao certo,
por quê tal melancolia,
qual a razão da tristeza,
que o leão, em si, trazia.

Ora, a razão sei-a eu,
pois ouvi-a do leão,
quando numa noite azul
me abriu o seu coração.

Acontece que num dia,
um dia claro de Verão,
uma caçadora ativa
veio dar caça ao leão.

Percorreu a selva toda,
como quem procura a vida,
mas era a morte que tinha
dentro dos olhos tingida.

E quando viu o leão
e o leão para ela olhou,
pegando na carabina,
pôs à cara e apontou.

Mas, por estranho que seja,
nenhum tiro disparou:
o leão ficou parado,
ela um suspiro soltou.

Então algo aconteceu
no espaço dum segundo:
um silêncio estilhaçou,
uma luz cobriu o mundo.

E a mulher baixou os braços,
foram seus olhos suaves;
seu corpo cheirava a mar,
dos seios nasceram aves.

Já não pensava em feri-lo,
nem ele, tão pouco, a ela;
pensava: "como ele é lindo!",
e ele: "como ela é bela!".

E ficaram longamente,
olhando sem mais poder:
pois amor é não falar,
falar e nada dizer.

Coisa estranha é ser feliz,
sentir amor e carinho,
porque o tempo que isso dura
é passo de passarinho.

Agora na selva escura
ouve-se uma voz cantar;
e canta para esquecer,
mas não faz senão lembrar:

"Uma vez, uma mulher
vinha caçar o leão;
matou-o, deixando-o vivo,
levando-lhe o coração"